

Fronteiras fechadas

Texto: Fabienne Schneider

Ilustrações: Daniel Tanson

Um dia como os outros ou quase ...

Num dia igual aos outros, a família Clemente está à mesa a tomar o pequeno-almoço. São 7h30 da manhã.

Os gémeos Tina e Tom estão na cozinha. Não lhes apetece comer o pão. Tem queijo e eles não gostam nada. Preferem antes creme de chocolate, mas só têm direito a comer ao Domingo.

De vez em quando a mãe vem ver se estão a comer tudo e se não se esquecem de levar uma sandes para a escola. Como sempre, o pai está atrasado e só tem tempo de tomar um café. Aisha, a gata dos gémeos, anda à volta do comedouro, pois está na hora de lhe darem de comer.

O rádio está ligado... Geralmente o senhor Clemente ouve as notícias no carro a caminho do trabalho. Mas como hoje está atrasado, pensa ficar a trabalhar até mais tarde e aproveita para por o rádio mais alto:



“Vamos agora à situação do trânsito”, diz o jornalista. **“Por razões inexplicáveis, as fronteiras estão fechadas hoje. É impossível entrar de carro no Grão-Ducado. Há obstáculos de cimento e de metal, bem como árvores deitadas nas auto-estradas de acesso ao Luxemburgo. Mesmo as estradas secundárias estão bloqueadas e as vias de caminhos-de-ferro encontram-se obstruídas por montes de terra. Vai demorar pelo menos um dia a limpar tudo isto!”**

“Caros ouvintes, imaginem as consequências...”, continua o jornalista.

“Todas as pessoas dos países vizinhos, que diariamente vêm trabalhar ao Luxemburgo, hoje não podem entrar. Nunca vimos uma situação igual. Ligam-nos a

dizer que os supermercados estão fechados, pois não há pessoal! Não há ninguém para trabalhar nas caixas, nem para encher as prateleiras de mercadoria.”

“Ooh!, diz a mãe, eu devia ir às compras hoje!”

O jornalista continua: **“As padarias fornecidas por “Schiffer” também estão fechadas, pois não cozeram pão esta madrugada! A maioria dos bancos não abriram as portas, porque não têm pessoal para atender aos balcões. Não há condutores de autocarros para levar os empregados ao trabalho.**

Muitas empresas só abrirão esta tarde, pois os porteiros não vão chegar a tempo e os agentes de segurança estão bloqueados na fronteira.”

“É um desastre, uma catástrofe!”



Entretanto o pai pega na chávena de café e senta-se à mesa. Abana a cabeça. A mãe abre muito os olhos...

Tina e Tom estão desanimados:

“Oh, caramba!, diz a Tina,“ a nossa professora é luxemburguesa e mora pertinho da escola.”
“Pois é Tina, pensar que podíamos não ter tido aula de matemática! Mas pensando melhor, não vou poder comprar as cartas YU-GI-OH na loja do Joseph. Que pena!”

“Mas vocês não se dão bem conta do que isto significa!”, grita o pai, “Ouviram? Hoje nada funciona, nem os autocarros, nem os comboios vindos do estrangeiro. Ai, a minha reunião tão importante desta tarde, que vai por água abaixo...”

“Meninos, preparem uma sandes para o almoço”, diz a mãe muito preocupada. “Quem sabe se haverá comida na cantina... e depois da escola, não vamos poder ir comprar os sapatos como tínhamos pensado, pois as vendedoras vêm todas do lado de lá da fronteira, que caos!”

Tina e Tom ficam pensativos. A família não sabe muito bem como é que se vai passar este dia. Aisha continua à espera perto da porta da cozinha e ninguém lhe dá de comer. Quer sair à caça aos ratos. Toda a gente fala ao mesmo tempo. Há tanto barulho na cozinha que ninguém ouve, no final da canção que acaba de passar no rádio, o jornalista a dizer:

“Chamamos a atenção das pessoas que levaram a sério a notícia das fronteiras bloqueadas: se olharem para o calendário... não-de ver que hoje é dia 1 de Abril!”

